

Indicadores como o de sinistralidade estão em alta, com retomada de procedimentos eletivos

A economia brasileira – assim como a do resto do mundo – deverá enfrentar tempos turbulentos pela frente. Mas o mercado de saúde suplementar se mostra saudável para atravessar o período desafiador do pós-pandemia. O grau de dificuldades dependerá da velocidade da recuperação econômica e dos estímulos que o governo brasileiro será capaz de gerar para manter a capacidade de consumo das pessoas.

Em palestra realizada por meio virtual na manhã desta quarta-feira (30) junto ao Clube de Seguros de Pessoas de Minas Gerais (CSP-MG), o presidente da FenaSaúde (Federação Nacional de Saúde Suplementar), João Alceu Amoroso Lima, abordou as perspectivas das operadoras de planos e seguros de saúde para os próximos meses.

“A partir de outubro, é possível que os volumes de frequência de procedimentos, como consultas e exames, já voltem ao nível pré-pandemia”, previu. “A ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) mostrou que, em agosto, os indicadores de sinistralidade já começaram a subir muito e caminham para voltar ao normal”.

A pandemia também deve produzir outras mudanças no setor, segundo o presidente da FenaSaúde. Um dos mais significativos é a progressiva mudança no modelo de remuneração de prestadores pelas operadoras. “Cada vez mais se fala de sair do atual sistema de remuneração para algo mais amplo, que agregue mais valor à saúde. Teremos a redução gradual do ‘fee for service’ para o conceito de remuneração baseada em valor”.

Sob o tema “Saúde Suplementar: Impactos da Pandemia e Novas Perspectivas para o Mercado”, participaram do debate, além de João Alceu Amoroso Lima, os presidente do CSP-MG, João Paulo Mello; do Sincor (Sindicato dos Corretores de Seguros) de Minas Gerais, Maria Filomena Branquinho; e do SindSeg (Sindicato das Empresas de Seguros e Resseguros) de Minas, Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal, Marco Neves. O diretor do CSP-MG, Maurício Tadeu Moraes, foi o mediador.

Durante debate com os espectadores, que puderam interagir e enviar perguntas ao palestrante, o presidente da FenaSaúde disse que outra possível decorrência da pandemia é um maior processo de consolidação do mercado de saúde suplementar, com rearranjo entre os principais players em praças importantes, como tem acontecido nos últimos meses.

O modelo de negócios da saúde – não apenas suplementar – também deve sofrer alterações na forma de organizar a cadeia de suprimentos. A pandemia, avaliou Amoroso Lima, mostrou que é indesejável alta concentração de compras em poucos fornecedores, sejam países ou empresas específicas, o que impactou preços e disponibilidades de equipamentos no auge dos casos de covid-19. “A máxima de que é bom concentrar em alguns fornecedores para obter preços melhores será revista para termos uma melhor diluição dos riscos”.

Foco de atenção do mercado é a proliferação de novas modalidades de acesso a atendimentos e procedimentos de saúde que foram facilitados pelas tecnologias e impulsionados pela permissão da prática de telemedicina durante o período de pandemia. É o caso de serviços baseados em plataformas digitais ou organizados sob o modelo de cartões de benefícios ou clubes de assinaturas.

“São empresas e serviços que estão mirando os consumidores que estão na “fronteira”, que não têm renda disponível para adquirir um plano de saúde e querem uma alternativa ao SUS. Há aí uma fronteira regulatória tênue (sobre se é ou não é um serviço de natureza securitária) e que certamente irá levar a ANS a ter que se manifestar”, comentou.

Neste sentido, para atrair este perfil de beneficiários e ampliar acessos, a FenaSaúde tem

defendido a possibilidade de disponibilizar planos de saúde com coberturas moduladas que possam se adequar à capacidade de pagamento de cada empresa ou família. Além disso, busca novas regras que viabilizem a oferta de planos individuais: “Enquanto permanecerem as regras de reajuste que temos hoje, infelizmente não há incentivo para o mercado comercializar estes tipos de planos”.

O presidente da FenaSaúde também salientou a importância das operadoras para manter o bom funcionamento da cadeia de prestação de serviços de saúde privados nos meses mais severos da pandemia. “Muitas operadoras socorreram prestadores, como hospitais em dificuldade em função do adiamento de procedimentos eletivos, com adiantamentos, empréstimos e antecipação de pagamentos. Na FenaSaúde, tentamos ajudar, facilitando estas conversas”.

Fonte: FenaSaúde, em 30.09.2020